Filiadas da M. P. F. na Arrábida

Foto: M. C. Oliveira Soares — Filiada da M. P. F.

NÚMERO ESPECIAL DE FÉRIAS
JULHO — 1943 — AGOSTO
N.º 51 ✶ N.º 52

Sumário

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Mária Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

Preço avulso: 1$00 // Assinaturas ao ano: 12$00

Que serão as tuas férias, filiada da Mocidade?

Gostaria que me dissesses...

Se só pensas em encher as tuas malas de vestidos novos para te pôres em competição com outras raparigas que só em trapos pensam também, estás em êrro: as férias não são uma passagem de modêlos!

Se só sonhas com a vida artificial dos casinos e mais lugares de divertimentos, enganas-te também: não podes gabar-te de ter férias, tu que não chegarás a ter descanso! Se o que te seduz na ideia das férias é a esperança de flirts sentimentais ou divertidos, numa liberdade que premeditadamente queres usar mal, toma cuidado! Não vás trazer das tuas férias, em vez de alegria, remorsos, em vez duma alma renovada um coração envelhecido.

Se partes só com a intenção de não fazeres nada, de te deixares viver a dormir e a preguiçar — não sei bem se a isto se poderá chamar viver! — também te não felicitarei pelas tuas férias!

Vida ao ar livre — nunca é demais repeti-lo.

Vida tranqüila, que tonifique os nervos.

Vida variada e alegre, em que se saboreie o gôsto de tôdas as coisas boas da vida: a liberdade, a natureza, as amizades, a presença de Deus...

Leva contigo êste desejo: buscar a Deus!

Para isso, não é preciso ires passar as tuas férias a um convento.

Queres que te diga onde O podes encontrar?

Deus criou o céu e a terra, em tôdas as suas obras O podes ver.

Foi Êle que criou a luz. Já reparaste como é linda a luz? Dando-nos a luz, o Senhor deu-se-nos a Si mesmo: Êle que é a Luz incriada!

E o Senhor, que criou o dia, criou também a noite. Quando contemplas o céu cravejado de estrêlas não sentes acrescida a tua fé pensando que tôdas essas «luminarias» foi Deus quem as acendeu?

E as serras e as colinas, as planicies e os vales, são também obra Sua: foram as Suas mãos que os moldaram. Não te sentes mais perto de Deus no alto duma montanha? Não te apetece ajoelhar?

E junto do mar, não sentes que o Espirito de Deus paira ainda sôbre essa imensidade azul que só Êle, o Infiniio, poderia ter criado?

E quando os teus pés pisam as ervas dos caminhos ou as tuas mãos colhem flôres nos valados, não sentes que Deus passou por ali primeiro, a dar vida, perfume e côr aos campos?

E quando aos teus ouvidos chega o canto das aves, ou nos teus braços apertas o teu cão favorito — que é quási um amigo — ao gosares o prazer que êsses sêres vivos te dão, não te sentes reconhecida Àquele que para ti criou tôdas as coisas?

Não me digas que não vês a Deus!

Se O não vês, é porque és céguinha...

Coccinelle

«... o teu cão favorito, que é quási um amigo...»

Foto: Bruno Lunel

EM LOUVOR DO SILÊNCIO

Deserto... Solidão... Silêncio... Paz

Foto: Miguel F. Martins

AQUI há uns bons dez anos, Duhamel, o escritor que tantas de nós conhecem, tão sugestivo e tão humano, propunha que se criasse em França, o ***Parque Nacional do Silêncio.***

A coisa tem o seu quê de original e de filantropo — mas vale como um protesto contra a invasão crescente do barulho na nossa vida de cada dia — o infernal ruído que nos esmaga e nos surpreende por tôda a parte.

«Seria bem delimitado, êste grande Parque — é Duhamel quem fala — *muros à roda e os caminhos que lá levassem sempre bem vigiados...»*

«Numa região silenciosa — não, evidentemente, de um silêncio ridículo... inteligentemente silenciosa, protegida...»

«Nada de caminho de ferro, a não ser muito longe... Automóveis, só durante meia hora por dia e conduzidos com tôda a doçura... Passeios nas estradas, olhando ou sonhando em segurança total...»

«Nem um avião. Nem uma sereia de fábrica ou ruído de máquina. Proibida tôda a música mecânica. Apenas silêncio. Um silêncio humano, são, rico, vigiado como um objecto de grande estimação.»

Depois de outras considerações, a terminar:

«Brochuras bem redigidas, cheias de gráficos e de estatísticas, explicariam aos neófitos do silêncio as vantagens, virtudes e os resultados do silêncio: a sua técnica, as suas doenças e como se devem tratar. Tôda a gente conheceria, devido a esta publicidade engenhosa, que aos clientes regulares do Parque do Silêncio lhes estão reservadas carreiras brilhantes, o sucesso, o triunfo — e que a meditação não silenciosa afasta necessàriamente do mundo.»

* * *

Talvez me preguntem para que serve tôda esta longa transcrição...

É que gostaria que cada uma das filiadas da M. P. F. tivesse a coragem de se procurar neste verão que aí vem o ***seu*** parque do silêncio...

Bem para o corpo e bem para a alma.

Está-se sofrendo cada vez mais da falta de silêncio. Andam os nervos desiquilibrados, o espírito em desordem e a vida sem norte.

Há como que a tontura, a loucura do barulho...

Barulho fora de nós. Barulho dentro de nós mesmos...

* * *

Barrés escreveu algures:

«Há minutos nas nossas vidas afadigadas e dispersas em que quereríamos como que restabelecer-nos, recolher-nos no nosso interior, regressar à nascente e de lá ver melhor, mais calmamente, para onde vamos, onde devemos ir, e rectificar os nossos caminhos.»

Tal-qual. Apesar de tudo, trazemos cá dentro grandes necessidades de ***ver claro*** e de ***nos ouvirmos sem mentira...***

O silêncio é mestre.

Do nosso Frei Heitor Pinto é êste conselho avisado:

«O mesmo rei Davide que comparava o justo à árvore frutuosa, e desejava de aproveitar a todos, e unir-se por amor com todos, vendo-se rodeado com negócios na cidade, suspirava pelo deserto e repouso solitário e, depois de confessar que estava perturbado seu coração e acossado de públicas inquietações dizia: Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et volabo et requiescam?, como se dissera: ah! quem me dará asas da ligeira pomba para voar ao deserto, e ver-me separado do mundo, e descansar sequer um pouco na vida solitária? E, quando por obra o não podia fazer, lá ia com a vontade, lá se achava só com o pensamento: Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine: eis-me aqui que me alonguei, e fugi do mundo e de mim mesmo, e quando olhei por mim, achei-me com o pensamento numa solidão accepta a minhas contemplações».

* * *

Deserto... Solidão... Silêncio...

Que estas férias de 1943 tenham qualquer coisa, muito mesmo, de deserto e de solidão — mas sobretudo de muito silêncio.

Vêde como Deus é silêncioso... E a Eternidade tão silenciosa...

Mestre Silencio ensinou sempre tantas e tão boas coisas ao homem que o procura e o estima e o consulta...

Fazei silêncio à vossa volta — e dentro de vós, no meio do borborinho que encontrareis por toda a parte.

Recomendo-vos especialmente que no meio de tôdas as solicitações para a leviandade e dissipação vos recolheis mais que não seja senão um minuto, um instante.

Faz tanto bem um momento de silêncio no meio da algazarra!...

Dá tanta calma ao coração um bom momento de cela silenciosa!...

Amai o silêncio. Fazei-o amar em tôda a parte e por tôda a gente.

Sêde semeadoras de silêncio e de recolhimento.

Fugi para a solidão das montanhas e das florestas e aí falai com Deus e vêde-vos dentro da vossa alma...

Louvor a ti, ó silêncio!

G. A.

Deserto... Solidão... Silêncio... Ideal

Foto: Orton

CAMARADAGEM...

Férias!... Andam no ar muitos anseios, muitas aspirações! Acolá!

Foto: A. Carvalheis

Férias... Férias grandes!

Depois de quási *dez meses* de trabalho, de tantas dezenas de semanas de estudo, de tantas, tantas dezenas de horas, passadas entre quatro paredes, a contas com a Matemática, com o Latim, com as Ciências, a ideia das férias surge como uma libertação.

Nem horários rigidos, nem tarefas à sobreposse, nem a agitação febril dos dias que gastam como meses, nem o cuidado das provas que eliminam, nem a sôbre-saturação das inteligências, nem o cansaço de quem deu o seu máximo — mas a liberdade plena e sem peias, num ambiente de descanso, de despreocupação, de alegria!

Férias... Férias *grandes!* Não o curto intervalo entre dois periodos mas um grande... ponto parágrafo.

E surgem as ideias, os projectos, os sonhos mais ou menos côr-de-rosa... Partir!... Partir para fóra da cidade, para longe do nosso quadro habitual, cortar com a vida monótona do tempo de aulas, conhecer caras novas, criar porventura amizades novas também!

Férias!... Andam no ar muitos anseios, muitas aspirações!

«Se eu pudesse ir para fora!... para o campo, para a praia!» E estragam-se as férias, com o travo amargo dos desejos vãos...

«Quando eu fôr para fóra!...» dizem outras, numa grande ânsia de partir, bebendo de ante-mão, a longos tragos, tôda a felicidade em perspectiva.

...E partem!

E logo tratam de organizar a nova vida. Vida de praia, vida de termas, vida de campo... Passeios, excursões, piqueniques, banhos de mar, desporte. E, a par disto — todos os passatempos da cidade, adaptados, quando muito — chás, festas mundanas, cinema, bailes. . e eu sei lá que mais!

E há muita agitação — a «actividade» do verão é por vezes superior à do inverno...

E dispersam-se as familias. Convive-se muito, é certo, mas à margem dos laços familiares. Longe das vistas dos pais, rapazes, raparigas, num grande à-vontade, que as modas vindas de além Atlântico consentem, passam êstes meses de férias, sobretudo, em plena camaradagem.

Camaradagem!... Palavra simpática, de sabor moderno!...

Já lá vai o tempo em que rapazes e raparigas se divertiam em familia, ou melhor — juntamente com as familias. Agora, andar com o pai ou com a mãe — não dá jeito — os gostos são tão diferentes!... Quanto a «chaperons», que ridículo! E para quê, Santo Deus?...

Que mal é que tem rapazes e raparigas andarem sòsinhos? «Lá fora é assim: tôda a gente o faz!...» É o argumento, que mais se ouve.

E será, só por si, um argumento, na realidade? Não terá na verdade mal nenhum êste à-vontade da vida moderna? Na febre de copiar figurinos extrangeiros, não se cuidará pouco de os adaptar à nossa... latitude? Entrar-se-á, na devida conta, com os nossos temperamentos de meridionais? Será tão inocente como à primeira vista pode parecer, a tal camaradagem entre raparigas e rapazes? Saibamos ser objectivos, leais, e passemos da teoria à prática.

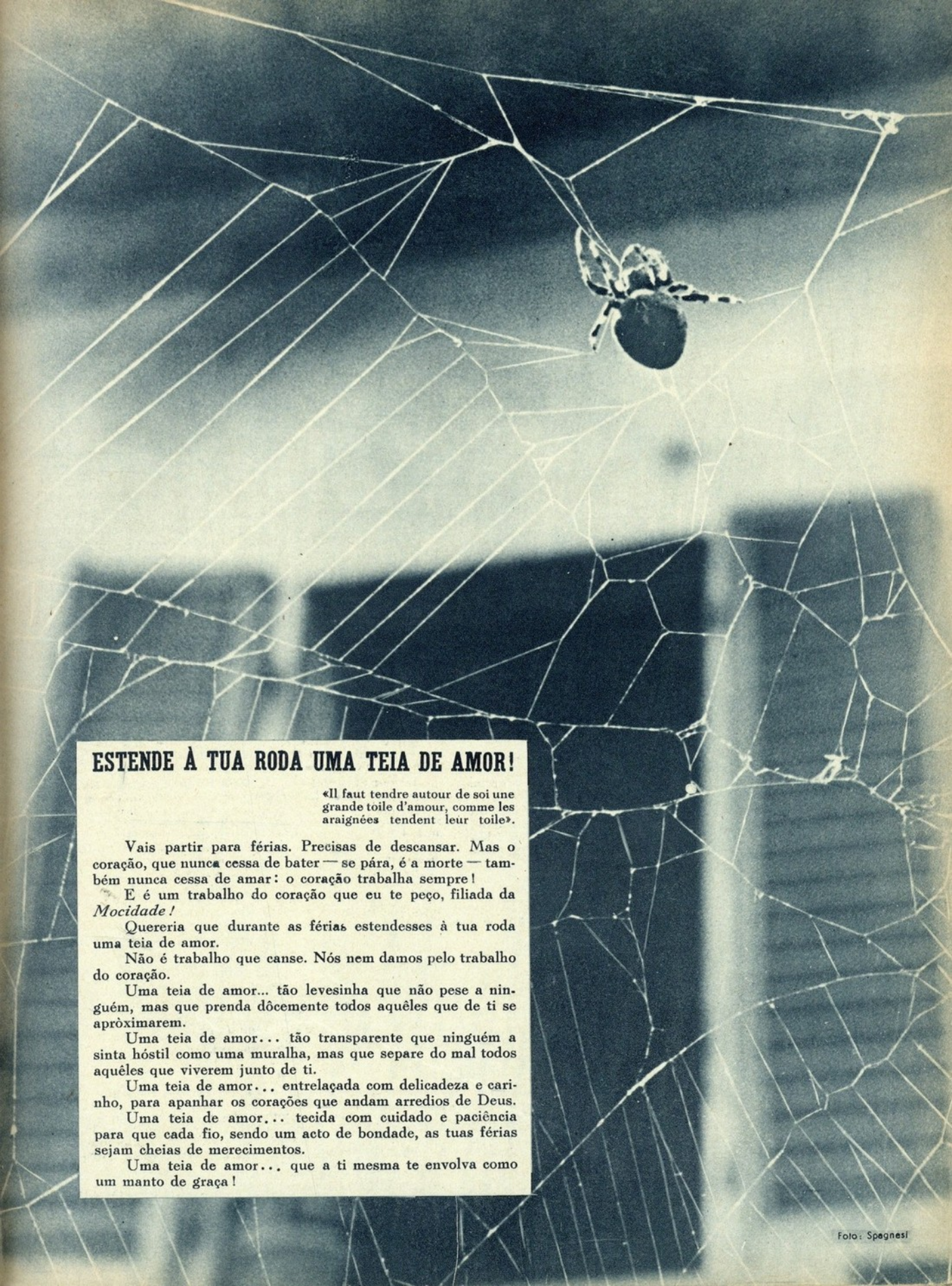
Em primeiro lugar, donde vieram êstes hábitos, estas modas? Será falso afirmar que vieram até nós, de... Holywood, em rôlos de gelatina?... Será injusto acusar certo cinema de tornar essas modas mais perigosas ainda, pela excitação que trazem à imaginação, aos sentidos? Por outro lado — é tão forte o poder de sugestão da imágem! Como tudo parece lindo, agradável, naturalissimo, no «écran»!... Rapazes, raparigas, num grande à-vontade, a gozarem a vida, alegremente! Bons amigos, bons «camaradas» e nada mais. Que mal pode haver nisto?

Raparigas que ledes estas linhas! dizei-me com franqueza: estas liberdades terão efeitos benéficos? Ganhará com elas a sociedade — as familias, as raparigas, os rapazes?

Não é verdade que certas atitudes, certas conversas, que surgem naturalmente duma convivência demasiado livre, contribuem muitissimo para que os rapazes percam aquêle respeito, que tinheis o direito de exigir dêles, e que hoje em dia parece ir passando de moda?

Por outro lado, achais que é tudo simplicidade, alegria sã, nêsses passeios longe da vista dos pais, nêsses colóquios a «duo», na praia, no pinhal, nas tardes ociosas das termas, ou entre duas dansas, ao luar? Não serão pelo menos imprudências estas liberdades excessivas entre rapazes e raparigas, por vezes em idades tão perigosas?

Há por ai muito quem afirme que tudo vai da educação. Não negamos, é claro, a importância dêste factor, mas isso não impede que a consideremos incapaz de modificar radicalmente os temperamentos. E no caso que aqui consideramos, há a experiência de tôda a hora a prová-lo. Discute-se o problema sob todos os prismas, afirmam-se atitudes, toleram-se hábitos, tudo para defender certos principios. E no caso final, o que acontece? Na melhor das hipóteses, a tal camaradagem naturalissima, inocentissima, dum momento para o outro, acha-se convertida muito simplesmente naquilo que uma ilustre poetisa nossa, tão espirituosamente define nestes termos:

> «Flirt, *é um fio dourado*
> *Sôbre um rio atravessado,*
> *Todo luz...*
> *Amor é o nome do rio;*
> *Quem não sabe andar no fio,*
> *Catrapuz!...»*

Cautela pois com camaradagens — não fecheis os olhos aos perigos que delas podem advir e, por outro lado, dai mostras de são nacionalismo, não vos resignando a aceitar servilmente os figurinos extrangeiros, só... porque são extrangeiros.

Maria Teresa Navarro

ESTENDE À TUA RODA UMA TEIA DE AMOR!

«Il faut tendre autour de soi une grande toile d'amour, comme les araignées tendent leur toile».

Vais partir para férias. Precisas de descansar. Mas o coração, que nunca cessa de bater — se pára, é a morte — também nunca cessa de amar: o coração trabalha sempre!

E é um trabalho do coração que eu te peço, filiada da *Mocidade!*

Quereria que durante as férias estendesses à tua roda uma teia de amor.

Não é trabalho que canse. Nós nem damos pelo trabalho do coração.

Uma teia de amor... tão levesinha que não pese a ninguém, mas que prenda dôcemente todos aquêles que de ti se apròximarem.

Uma teia de amor... tão transparente que ninguém a sinta hóstil como uma muralha, mas que separe do mal todos aquêles que viverem junto de ti.

Uma teia de amor... entrelaçada com delicadeza e carinho, para apanhar os corações que andam arredios de Deus.

Uma teia de amor... tecida com cuidado e paciência para que cada fio, sendo um acto de bondade, as tuas férias sejam cheias de merecimentos.

Uma teia de amor... que a ti mesma te envolva como um manto de graça!

Foto: Spagnesi

PRAIAS... BANHOS!

Férias! Férias! Férias grandes!!!

E' o grito do momento.

E um constante sussurro flutua. São preguntas e respostas:

— Para onde vais êste ano? Praia? Campo?

— Não sei! Lá em casa ainda não se decidiram...

E enquanto pelas escolas, liceus, institutos, faculdades, se projecta, divaga, combina, em casa os Pais, a Familia fazem càlculos, muito mais complicados e transcendentes do que aqueles que durante o ano causaram dôres de cabeça e algumas agonias a certas raparigas que sofreram o susto de uma chamada inesperada...

E' um aflitivo problema que a Familia tem de resolver antes que chegue o momento da entrada triunfal das notas do último periodo. Notas que teem o condão de obrigar outras «notas» a tomarem ar... aquelas que a pouco e pouco se foram amontoando em certa gaveta para, no momento preciso, proporcionarem umas férias proveitosas!

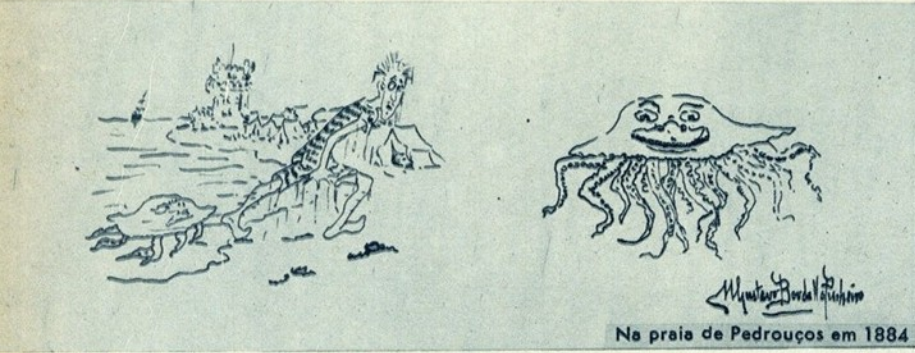
Depois de um ano de labuta para alcançar uma nota ou uma passagem sem soluços de maior é de justiça recompensar todo o esfôrço de que por vezes a saúde sai um pouco abalada.

Há dias, em casa amiga discutia-se o assunto, e enquanto alguns alvitravam o campo, as raparigas, a maioria, lutavam desesperadamente pela... praia!

Elas lá tinham as suas razões! Quási tôdas as amigas e condiscipulas iam para a praia e elas sentir-se-iam lesadas se não participassem dos prazeres que a praia proporciona, entre outros o refrescante e saùdavel banho, os jogos na areia, ao sol, ao ar livre, a pesca...

Junto da janela, uma velha Tia observava com enternecido carinho todo aquêle entusiasmo moço, e, com saùdade, evocava o seu tempo. Sim, ela também nessa idade preferia a praia. A praia?! A época balnear! As «alforrécas de Pedroiços»! Como tudo ia longe e tão diferente!

Foto: Mário Novais

O presente

Na praia de Pedrouços em 1884

Desenhos de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Praias em 1887

1 — Pimeira categoria — Praia da Fundição. Continuos e serventes. 2 — Segunda categoria — As barcas. Amanuenses e alferes. 3 — Terceira categoria — Praia da Torre. Segundos oficiais e majores

Desenhos de Rafael Bordalo Pinh

Feitos os cálculos financeiros a decisão chegava. Sim, iriam para a praia. Mas qual? Elas são tantas e tão belas! E naquêle borborinho entusiástico da vitória alcançada, a velha Tia murmurava: no meu tempo... no meu tempo...

E então foi um recordar saüdoso do famoso «Banho da Barca».

Era ali em frente ao Terreiro do Paço que a grande barca «NOVA FLOR DE LISBOA» pairava; mais em frente ao Caes do Sodré fundeava a «FLOR DO TEJO». Eram verdadeiros estabelecimentos de banhos. Logo de manhãsinha todos se preparavam como se fôssem para um passeio pela cidade e embarcavam nuns pequenos botes de remos que os transportavam à barcaça escolhida. Chegados lá, conforme a situação financeira ou se ia para o «Banho de Prôa» — quartos individuais — ou para o «Banho de Rè», espécie de grande piscina onde todos se misturavam. Havia bufete, música e um grande mêdo às alforrecas...

Tinham estas barcaças umas divisórias que constituiam uns pequenos quartos com escadinha privativa para o fundo, que era gradeado afim da água entrar e sair ao sabor da corrente. O banhista entrava na «barcaça» comprava o seu bilhete de banho de «Prôa» ou «Rè», metia-se no seu quartinho, mudava de «toilette», descia a escadinha, mergulhava durante uns dez ou quinze minutos agarrado a uma corda naquela impuríssima água. Findo o tempo estabelecido para estar na água, saia, enroupava-se novamente, ia até ao bufete tomar o seu café ou o cálix de vinho do Porto para aquecer... e pronto estava o banho tomado.

O passado

Desenho de Emílio Pimentel

— Para os «banhos da barca» — 1876

Anos mais tarde, as barcaças já não satisfaziam, e os Pais de família começaram a olhar para as praias que mais acessíveis eram às suas bolsas e surgem então os «Banhos da Praia da Torre» (Torre de Belém), Pedrouços, Algés. Pedrouços?!!! «A mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa»; chefes de secretaria, oficiais, amanuenses, tabeliões, guarda-livros, caixeiros de escritório, escrivães, era em Pedrouços que retemperavam anualmente a sua pálida e sedentária fibra plumitiva. Por isso Pedrouços era considerado como uma «secretaria de estado ao ar livre», como informa pitorescamente Ramalho Ortigão.

O banho era rápido, de mergulho. Sim, tinha que ser rápido, porque, segundo afirmavam os entendidos, a humidade da areia era perigosa para a saúde. Os fatos eram de castorina ou gorgorão preto ou azul escuro. Tinham calças compridas e as blusas iam até aos joelhos quando os não ultrapassavam. Usava-se o gorgorão rijo para evitar que ao molhar-se ficasse colado ao corpo. A prudente decência obrigava o banheiro ou a criada a estarem à borda da água com uma comprida capa que lançavam sôbre a banhista mal ela saia da água e na qual se embrulhava para só a largar já dentro da barraca. Dali saiam já vestidas e calçadas de botas com saltos à Luís XV para se afastarem ràpidamente daquela praia onde só voltariam no dia seguinte para a obrigação do banho matinal.

Ia-se para a praia vestida de seda com fato de cauda. Havia quem entrasse no banho de sombrinha aberta para evitar que a ardência dos raios solares «maculasse a alvura da cutis». O banho limitava-se a acocorar-se a banhista e a dar um saltinho acompanhado por vezes de um gritinho estérico, quando a onda se aproximava, embora as mais afoitas se deixassem molhar integralmente pelas ondas. Eram então retiradas ao colo do banheiro que as poisava na areia onde já estava a criada ou a banheira com a luxuosa capa à espera... Depois de instalada na barraca, procedia à complicada e demorada «toilette» que lhe permitia sair em estado de entrar logo num salão... a receber cerimoniosamente as visitas!!!

«Estar a banhos», a máxima aspiração das raparigas de ontem... Ontem como hoje mantem-se a preferência pelas praias mas pelos desenhos da época que aqui se reproduzem avaliem vocês quanto evolucionou a maneira de as gozar!

E enquanto as ilustrações são saboreadas, a velha Tia que tenta acompanhar a alegria buliçosa das raparigas de hoje sente bailar-lhe no suave olhar, já um pouco amortecido pela saüdade, uma lagrimasita e vai murmurando: No meu tempo...

Julieta Ferrão

4 — Quarta categoria — Pedrouços. Primeiros oficiais, chefes de repartição, coronéis... 5 — Quinta categoria — Paço de Arcos, Adidos de legação. Estabelecimentos de crédito. Companhias bancárias. 6 — Sexta categoria — Cascais. Corpo diplomático. Nobreza

VIDA AO AR LIVRE

NESTA época de intensas e graves preocupações de exames, estou certa de que, todas vós, queridas raparigas, sonhais com as férias e vos preparais para as passar com o máximo de satisfação.

Deus permita que todos os vossos bons desejos sejam satisfeitos!

Mas, um pouco em segrêdo, deixai-me dizer-vos que tenho em grande receio — receio por vós, está claro.

Têmo que nem todas vos disponhais a viver bem as vossas férias, êsse tempo em que são vantajosos e mesmo necessários os divertimentos, mas em que também precisamos de recuperar energias gastas e adquirir novas para a caminhada do ano seguinte.

Lêstes os conselhos e ensinamentos escritos por toda a parte na semana da tuberculose?

Um dêles diz que o ar é um dos principais alimentos.

Talvez não vos tenha merecido reparo, o que não admira.

Permiti pois que vos chame a atenção para êste alimento tão precioso que quando êle falta a vida se acaba. Não é necessário prepará-lo. E Nosso Senhor deu-no-lo com tanta abundância que para todos chega.

O que é necessário, é saber utilizá-lo.

Socegai que não vou fazer uma aula de higiene...

Todas vós sabeis já as vantagens da vida ao ar livre.

Aquêles conselhos tão banais que vos foram dados nas aulas de Higiene recordai-os e fazei o que puderdes por vivê-los.

De nada nos serve saber que: dormir com a janela aberta é bom — se continuarmos a calafetar-nos no nosso quarto tanto no verão como no inverno; que os exercícios físicos praticados ao ar livre são fonte de saúde e boa disposição — se molemente nos deixamos ficar no leito durante as belas manhãs do estio.

Vós sabeis que nenhum alimento ou medicamento poderá ser convenientemente aproveitado pelo nosso organismo sem o auxílio do ar.

Há ainda tanta gente que foge do ar, que lhe fecha as portas e janelas!

Não deveis vós, as raparigas da Mocidade, ingressar nêsse número.

Aproveitai pois as vossas férias para viver quanto possível ao ar livre, sem esquecer que também o bom senso deve condicionar todos os actos da nossa vida.

Custódia Alves

Filiadas da M. P. F. em excursão

Filiadas da M. P. F. O prazer de nadar!

A RONDA DAS HORAS

Foto: A. Cezelis

PARECEM tão lentos os ponteiros e afinal a ronda das horas é quási uma correria: passa o dia tão depressa!

É manhã... é já meio dia... tarde plena... noite escura...

Filiada da Mocidade: deixarás que na tua vida a ronda das horas seja apenas a dança doida de quem gasta o tempo sem o aproveitar?

É manhã. Estás em férias. Não tens contigo os livros de estudo. Mas aí tens o teu missal. Ajoelha. Reza. «Já o astro do dia desponta; dirijamos, pois, de joelhos, as nossas preces a Deus, suplicando-lhe que durante êste dia nos perserve de todo o mal».

E agora, ergue-te e vai... Estás na praia? Entra na ronda alegre das horas. Brinca à tua vontade. Toma banho, nada... Diverte-te! Uma sò coisa te é pedida: lembra-te que és filiada da Mocidade e conserva-te sempre correcta nas tuas atitudes, nas tuas palavras, no teu vestuário — *em tudo.*

Estás no campo? Também aí podes entrar na ronda alegre das horas. Passeia, corre, inebria-te de ar e de luz!

É meio dia. Volta para casa e a alma renovada pelo contacto com a natureza — onde encontraste Deus — arrasta todos os teus para a ronda alegre das horas: faz com que a alegria presida à refeição familiar.

Tarde plena. Continua a ronda das horas...

Os desportos teem as tuas preferências? Talvez o *tennis?* O ciclismo? O remo? Tudo é bom, se não for exagerado e não sair para fora daquela correcção que mais uma vez te recomendo, filiada da Mocidade!

Talvez, no campo, a tua tarde se apresente vazia de divertimentos. Mas a ronda das horas não pára: não percas o teu tempo!

Está-se tão bem à sombra duma árvore, que nos dá também encôsto! Lê. Mas deixa-te de romancecos sem valor literário nem educativo. Há tantos livros bons que distraem, mais: que dão verdadeiro prazer!

Ou se queres, borda... (Não tens uma «arca» para nela ires arrecadando o comêço do teu bragal de noiva?)

Ou pensa nos pobres e pega nas agulhas de *tricot*...

E, se quisesses, poderias ir até à igreja onde as catequistas da aldeia te ficariam tão reconhecidas se as fôsses ajudar a preparar as crianças para a 1.ª comunhão. Já falta pouco tempo. A festa é no fim do mês. Porque não vais?

Ou então, sabes o caminho... é além, naquela casa, que mora tal doente... ou tal vèlhinha...

A ronda das horas passa lúgubre junto dêsse leito de doença... A ronda das horas não tardará a parar para essa pobrezinha...

Vai! Leva contigo a alegria...

E' noite. Se passas o serão em casa, faze dêle uma ronda alegre de horas em volta da mesa onde se trabalha, se conversa e se ri.

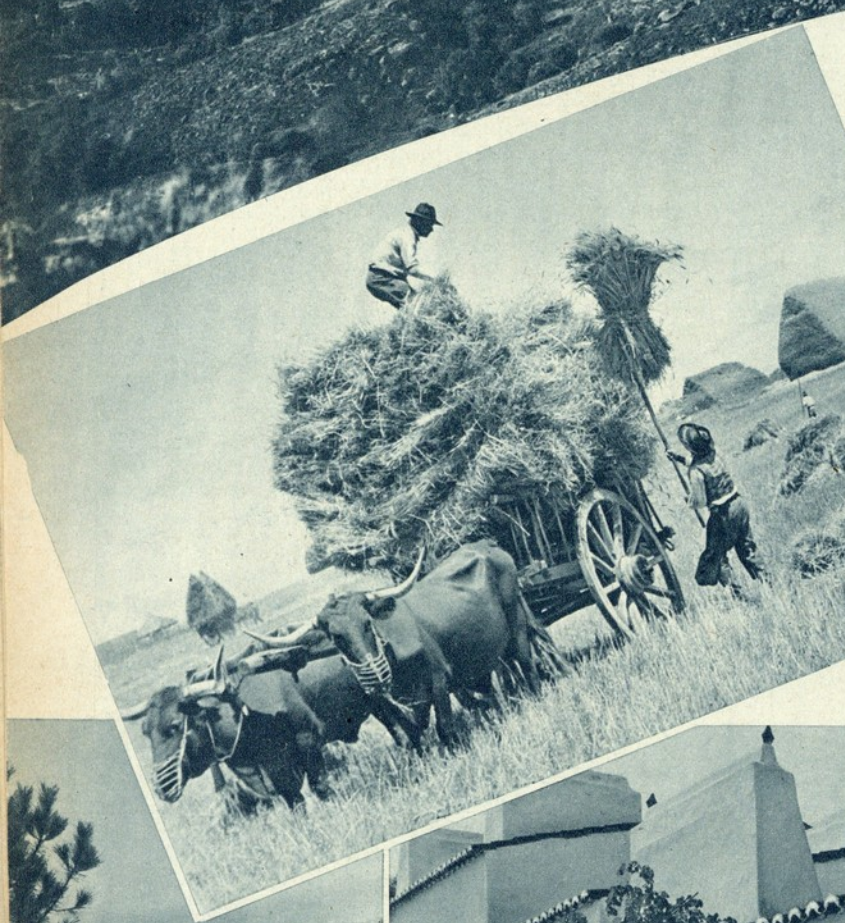
Se a noite está suave, deixa-te ficar ao ar livre, a olhar para o céu. A ronda das horas confunde-se com a ronda das estrêlas. Já viste coisa mais linda?

Mas vais talvez passar parte da tua noite a um casino. Sabes? Tenho pena... Parece-me que gosarias mais cá fora...

Se gostas, ou para comprazer tens de acompanhar os teus, vai!

Podes dançar. Mas não dances de modo que a ronda das horas seja esquecida. Já são horas de ires descansar. Não percas a noite, sacrificando a saúde!

E sobretudo, filiada da Mocidade, lembra-te que numa sala de baile tu deves, como em tôda a parte, dar bom exemplo às outras raparigas. Sê correcta. Sê simples. Sê pura.

Maria Joana Mendes Leal

Conheces Portugal?

1 — Já subiste à Serra do Gerez? Já contemplaste a grandiosidade dos seus montes e ravinas?

2 — Já assististe ao quebrar das ondas na praia do Guincho? Repara na beleza do contraste entre a espuma delicada e branca e a rudeza dos rochedos.

3 — Já atravessaste esta velha ponte do Cerva? Há tantos cantinhos, deliciosos como êste, no teu Portugal desconhecido!

4 — E sabes como se trabalha na nossa terra? Já viste, nos campos do Alentejo, carregar os carros da lavoura, na tarefa abençoada que te dá o pão?

5 — Já viste, na praia da Nazaré, arrastar para terra as redes de que aquela pobre gente vive... e onde às vezes, encontra a morte?!

6 — Não tens topado pelos caminhos de Portugal raparigas irmãs desta, na faina da vida, do nascer ao pôr do sol?

7 — Já viajaste pela linha do Vouga? Talvez... mas não sei se já terás reparado como são lindas as suas margens.

8 — Já entraste nas casas humildes de Portugal? Não te encanta a brancura desta casa alentejana?

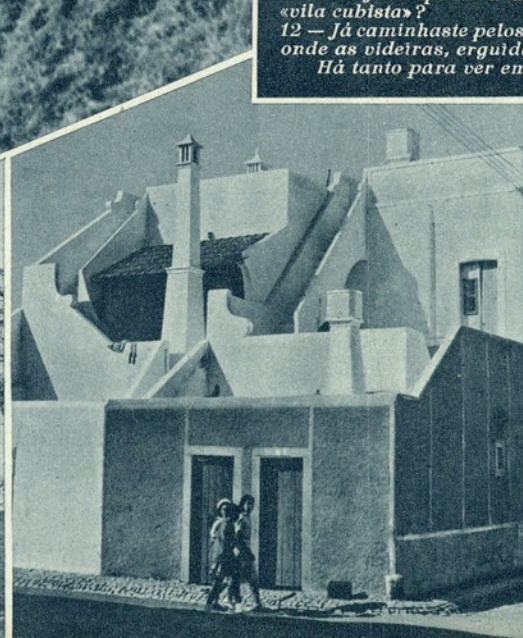
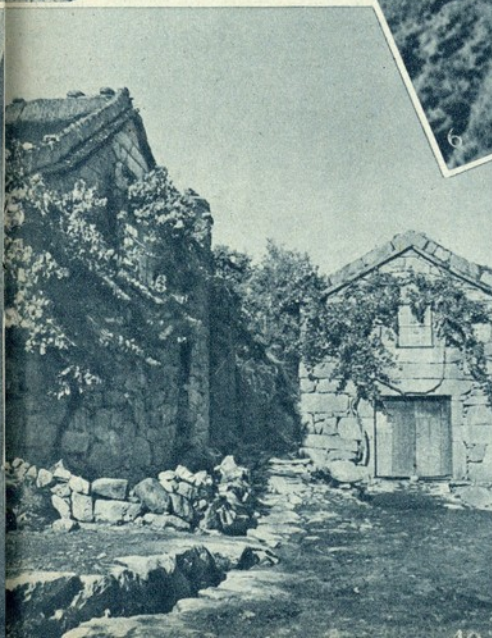
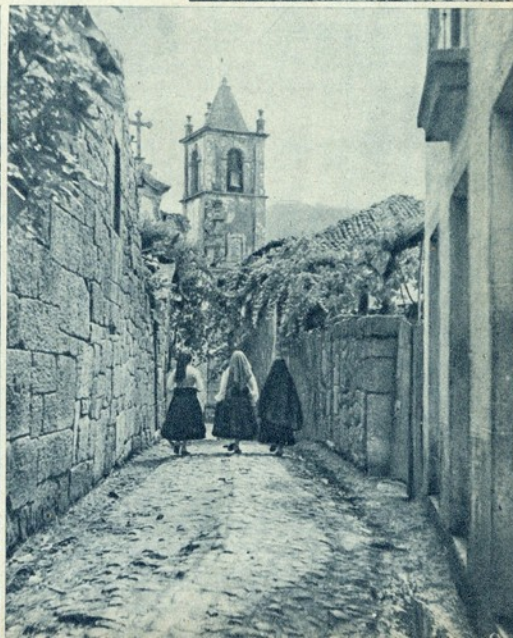
9 — Já pisaste as ruas mal calçadas das nossas aldeias? Não achas deliciosamente pitoresca esta rua de Cambra?

10 — E não é idilico êste moinho e habitação? Concerteza não sabes onde fica Carregado do Buco. E' no Minho!

11 — Já trepaste à açotela duma casa de Olhão, a «vila cubista»?

12 — Já caminhaste pelos campos engalanados do Minho, onde as videiras, erguidas alto, fazem arcos de triunfo?

Há tanto para ver em Portugal!

A LEITURA EM FÉRIAS

APROXIMAM-SE as férias! Põem-se de parte os livros de estudo, as saídas obrigatórias, as tarefas marcadas, vestem-se os vestidos de chita, canta-se e ri-se despreocupadamente, fazendo cada um o que lhe apetece... Partem uns para a praia a encher os pulmões de ar salgado, dourar a pele ao sol ardente, tonificar o organismo nos banhos de mar; outros vão para o campo repousar sob os pinheiros, respirar fundo o ar dos montes, dar longos passeios ao poente; outros ainda ficam na cidade e tiram também o seu partido do verão descansando em terraços e varandas, freqüentando parques e esplanadas, dando o seu passeio aos arredores. O sol dourado, o céu azul, o ar tépido chega a todos e chega para todos. Conforme a vida que se fez durante o ano, assim se procuram as férias. Quem fez vida sedentária, procura o movimento. Quem se mexeu muito, prefere o repouso.

Há porém uma coisa de que necessitamos em férias, quer as passemos na praia, no campo ou na cidade; estendidas no areal, sentadas à porta dum hotel ou na varanda de nossas casas faz-nos falta um livro.

O livro é o companheiro imprescindível de férias, distrai, educa, instrui; é pequeno e fácil de transportar, é cómodo de manusear, não é trabalho, mas também não é ociosidade, depressa se arruma em qualquer canto.

Mas... que livro? eis a dificuldade.

Tem na vida de cada um de nós uma extraordinária influência o livro que lemos, sem querermos, até sem darmos por isso, a nossa mentalidade vai-se formando ao jeito dos livros que os nossos olhos percorrem e o espírito fixa, amoldando a vontade. E' por isso da máxima importância a leitura que fazemos. Principalmente a gente nova que está ainda a formar idéias, a fixar o carácter, pode depender do que lê. Há leituras francamente más que pervertem e degradam, essas são em geral respeitadas por espíritos sãos, são livros que repugnam a uma consciência honesta e as raparigas em geral não pegam nêles, mas se por acaso lhes caem debaixo dos olhos desagradam-lhes e são postos de parte com uma viva impressão de nôjo, que até por vezes, em reacção, provoca uma sêde de pureza e de ideal. Mas há outros, talvez os mais perigosos, que têm um ar quási inocente, meras heroínas que são apenas um pouco levianas e apresentam uns costumes chocantes, mas a que depressa nos habituamos. São talvez êsses os piores livros para um espírito de rapariga, os que podem ser imitados sem grandes escrúpulos de consciência, os que insensìvelmente nos levam a achá-los bem.

As raparigas devem fugir a estes livros, que sabe Deus às vezes ao que dão causa, e mesmo quando, casos raros, os espíritos são suficientemente fortes para se não influenciarem *nada* com essa leitura, é ainda pena perder tempo com ela, quando há tanto livro interessante e bom a ler!

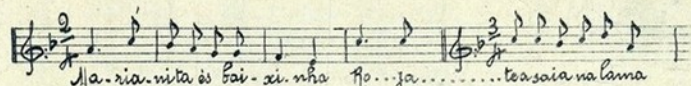
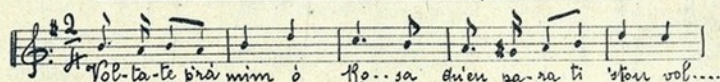
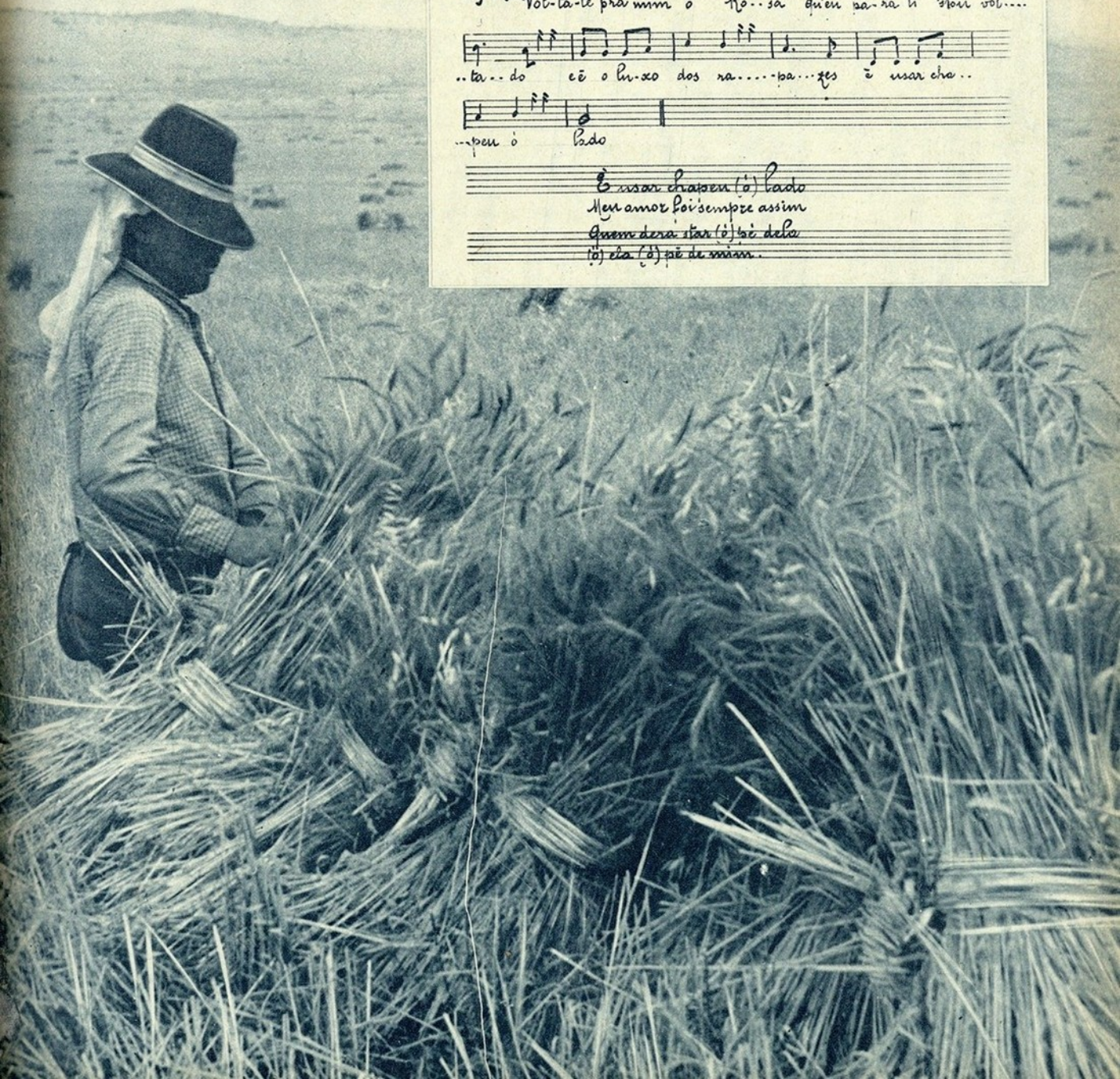
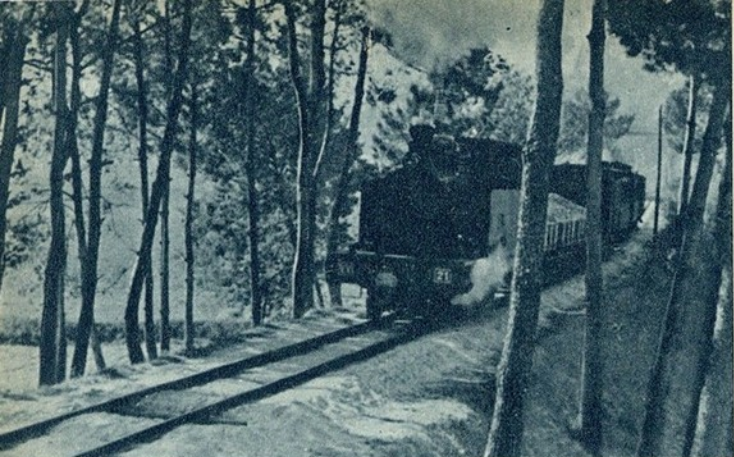
No género romance há coisas tão interessantes como «Le blé qui léve» de Bazin e o «Mêdo de viver» de Bourdeaux; livros de costumes estranhos, com o seu enredo oriental como «Vento do oriente, vento do ocidente» de Pearl Buck; memórias deliciosas como as da Marquesa de Rio Maior; Contos como os de Menezes; o livro «Coisas da vida» duma Mãe cristã; «Os sete pecados mortais e outras histórias» de Selma Lagerlof; livros de viagens como os de Julio Verne. A colecção dos livros de Berthe Berage — *Brigitte jeune fille, etc.* que bastariam para encher útil e agradàvelmente as férias. Em género mais profundo temos «Face à la vie» do P.e Plus; «Non-mariées» de Grimaud; livros de espiritualidade, a que é preciso dar atenção também em férias, temos «A missa e a vida interior» de D. Bernardo de Vascocelos; «Sainteté et homme volonté» de Martial Lekeux, os livros de Beaudenon. Assim além de termos tido horas de prazer e elevação em férias, sairemos delas valorizadas, enriquecidas pela leitura.

Para quê gastar tempo, por exemplo a ler Max du Veuzit, que além de serem livros literàriamente mal feitos não deixam uma idéia elevada, uma idéia instrutiva, uma idéia que se possa seguir. Maryan e Delly, embora dêem uma idéia demasiado romântica da vida e portanto falsa, têm elevação, têm moral e divertem as raparigas deixando uma idéia saüdável. E assim tantos autores, que é impossível enumerar, oferecem as suas páginas sãs e agradáveis à mocidade para o intervalo dos passeios e dos jogos, para as tardes serenas debaixo das árvores ou... em cima das árvores, enquanto os passarinhos chilreiam arrumando-se para dormir...

Maria Augusta d'Alpuim

Sabe tão bem ler! Debaixo das árvores e até... em cima das árvores

Foto: M. C. Oliveira Soares — Filiada da M. P. F.

Duas canções alentejanas
Ma-ria-nita ès bai-xi-nha Ro...ja.........te a saia na lama
te-nha-te dito mil vezes encur-ta a saia Ma.........riana.
Encurta a saia Mariana
Encurta a saia Santinha
Tenho-te dito mil vezes
Marianita já ès minha
Marianita já ès minha
já te não dou a ninguem
Emprestada tambem não
que isso não parece bem.
Vol-ta-te prà mim ò Ro..sa qu'eu pa-ra ti 'stou vol....
..ta..do eē o lu-xo dos ra.....pa...zes è usar cha..
...peu ò lado
È usar chapeu (ò) lado
Meu amor foi sempre assim
Quem dera star (ò) pè dela
(ò) ela (ò) pè de mim.

Até o combóio parece correr alegre — para férias!

GUIDA
RAPARIGA DE HOJE

III — Férias

À porta do Liceu, num grande grupo, estavam reünidas muitas raparigas e entre elas Guida, Luz, Joaninha, Ana Maria e Alda.

Alegremente discutiam entre si o resultado dos exames. Joaninha, modesta, recebia as felicitações de todas; mais uma vez ela tinha sido a primeira em notas, acabando o ano com brilhantismo. Luz, que se lhe seguia em classificação, nos seus doces olhos negros manifestava uma grande alegria. Guida também passara com boas notas. Ana Maria, como sempre, queixava-se de falta de sorte e de injustiças. Alda soube que tinha passado com a maior indiferença, interessava a muito mais o próximo chá dansante em que estrearia um vestido de *"organdi"* côr de rosa, do que o ter passado nos exames.

— Férias, que alegria — diziam todas as pequenas... Para onde as vão passar?

Em breves dias elas, que todo o ano estiveram juntas, vão espalhar-se por tôdo o país, e começam já os projectos.

Alda vai percorrer as termas elegantes e depois virá para o Estoril.

Ana Maria vai para a Beira, para casa de seus pais.

Joaninha vai estar um mês em Espinho em casa da avó, com um dos irmãozitos.

Luz vai para a sua casa dos arredores de Braga, onde já estão os pais, as duas irmãs e o irmão.

Guida com tôda a família vai para casa da avó, para o velho solar, onde todos se sentem tão felizes.

E todas prometem escrever-se. Luz e Guida afirmam que se visitarão: afinal vão ambas para o Minho e as suas famílias são aparentadas.

Em casa de Guida a alegria foi grande quando ela chegou e disse ter passado com 14 valores. João Manoel, que também tinha sido feliz nos seus exames, abraçou-a com entusiasmo; Maria Adelaide saltava com o Tareco nos braços que começou a mostrar as unhas e a abanar a cauda felpuda em sinal de desagrado por tão bulhenta alegria.

O jantar correu com grande satisfação e todos riram quando Maria Adelaide disse:

— Oh Guida, o Tareco está a felicitar-te, olha como bate com a patinha no teu joelho!

Guida, rindo e fazendo covinhas na face redonda, respondeu:

— O Tareco já devia saber que um gato bem educado come na cozinha, e o que êle está é a pedir que lhe dê do meu jantar.

À sobremesa, quando o senhor Albuquerque declarou que dali a cinco dias partiam para o Norte, a alegria tornou-se ruidosa e a própria D. Elena, animadíssima, fazia projectos.

No dia seguinte de manhã começaram os preparativos de viagem. D. Elena foi à Baixa fazer compras urgentes: lembranças para sua mãe e seu tio, para as caseiras e criadas.

Guida começou a fazer a mala, que nesses dias faria e desmancharia muitas vezes. As criadas enrolavam *carpettes* e preparavam a casa para ser fechada.

Maria Adelaide, preocupada, estudava qual dos três cestos seria o melhor para conduzir o Tareco. Metia o gato num deles e esperava o resultado, que em todos era o mesmo. O comodista do bichano deitava-se na almofada e fazia um rico sono.

A pequenita não gozava êste ano a viagem como costumava. A ideia que lhe tirariam o gatinho e o deitariam para o *"fourgon"* apertava lhe o coração.

No dia marcado, logo cêdo, estavam todos na estação alegres e descuidados; só Maria Adelaide, pálida, estava aflita. O Tareco, que nos últimos dias passava o dia no cesto que ela escolhera, ao ver-se fechado e dentro do automóvel atroara os ares com estridentes "miaus„.

A pequena tremia com medo dos revisores. Agora, já instalados, estava calado mas gemia de vez em quando, quando ela lhe dizia:

— Tarèquinho, vai calado por causa do revisor.

João Manoel e Guida, que tinham ido dar uma volta na estação, vieram muito animados dizer que Luz e as tias estavam numa carruagem próxima, o que a todos alegrou, e até Maria Adelaide quiz ir dar um beijo à Luz, entregando ao pai, o precioso cêsto com o gato.

A viagem, penosa pelo calor e aglomerado de passageiros, correu bem. Luz e Guida fizeram-se visitas e havia projectos de encontros, combinações, com que as duas famílias concordaram.

Chegaram ao Pôrto, de onde seguiriam nas camionetes de Braga e Viana que partiam da mesma "garage". Todos juntos tomaram chá na Arcádia, onde D. Elena e as tias de Luz ficaram conversando enquanto o senhor Albuquerque, João Manoel, Guida e Luz foram dar uma volta pela cidade. Maria Ade-

«Ao fim do caminho, a capela da casa»

laide ficou porque estava desconsolada; o cêsto do Tareco já estava tão sujo, que ninguém lhe queria pegar, só a sua dedicação a levava a achar "que não fazia mal".

Na "garage" houve despedidas e Luz e Guida duma "camionette" para a outra ainda faziam combinações e projectos com a alegria própria da sua idade.

A viagem na "camionete", por uma linda tarde de Julho, foi deslumbrante. A estrada do Pôrto a Viana do Castelo é uma das mais lindas, com as suas paragens em Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Espozende. O mar refulgia ao sol claro, os pinhais rescendiam aromas e as casas tornam uma parte da estrada em avenida de maravilha.

Pelas alturas de Espozende começam a ver-se montanhas com penedos e pinhais salpicados de moinhos e de capelas, que atestam o espírito religioso do Minho.

Passado o rio Neiva com as suas azenhas e verdura, a gente nova começou a estar inquieta:

— Estamos quási na quinta! E quando João Manoel anunciou que já via na estrada o tio Jacinto com o carro, foi tal o entusiasmo que todos os passageiros riram: alguns muito conhecidos da família Vasconcelos.

Efectivamente lá estava o tio Jacinto, tão querido da gente nova, com os seus 65 anos e ainda um perfeito homem; robusto, còrado, com a sua cabeleira branca muito original, viveu sempre na quinta, e, na família, o seu delírio tinham sido sempre as crianças mais novas.

Êste solteirão incorrigível adora crianças e é por elas adorado. D. Elena tinha sido uma sobrinha muito querida e agora os pequenos encantavam-no. João Manoel tornou-se um companheiro. Guida já êle começa a achar que está "senhorita„. E Maria Adelaide tem agora a primazia. Levantou-a ao ar nos braços, e ela, beijando-o disse-lhe:

— Tio Jacinto, tome conta do meu gatinho, que está naquele cesto, as criadas não gostam de lhe pegar porque está sujo.

— Está descansada, filha, o cheiro de almiscar, não me incomoda, e vai aqui no automóvel ao pé de mim.

Acomodaram-se todos e o Snr. Albuquerque, João Manoel e as criadas foram a pé o quilómetro que as separava da casa. Pelo caminho tão conhecido a gente da aldeia corria às portas a ver chegar os senhores de Lisboa.

Maria Adelaide gritava pela Laura Pintassilga e outras garotas com quem brincara o ano anterior.

Quando chegaram ao portão do Calvário e êste se abriu, D. Elena suspirou de alegria; repentinamente lhe apareceram, à direita, os montes da mata, com os lindos pinheirais, ao fundo da Avenida o telhado da casa, e à esquerda o mar deslumbrante de azul, naquela tarde.

Ao chegar ao terreiro viram, na larga varanda, D. Maria de Vasconcelos que quási chorava de alegria. Que abraços e beijos se deram nessa sala de entrada magestosa, com a sua histórica arca, o seu bufete antigo, retratos de antepassados, panóplias de armas, e o seu teto em apainelados de castanho.

Correram logo a casa tôda e foram às janelas da sala azul ver a fonte de S.to António, a vista do formoso vale, a aldeia que aos pés do solar se estende e o mar.

Maria Adelaide correu à cozinha ver a Maria, que tantas histórias sabe, que ri sempre, quer sejam alegres ou tristes, e que faz tão bons petiscos.

A pequenina descansou; o seu Tareco está fechado no quarto dela, debaixo da cama, estonteado da viagem e tremendo de medo.

O que foi o jantar dêsse dia na quinta do Paço, sabem-no todos os que teem a felicidade de passar as férias numa casa de família, onde todos que se reünem se amam e vivem para Deus e para a sua família.

Foto: Pozal

Preparativos de partida

Quando Guida recolheu ao seu quarto, o quarto grande do andar de cima, que pela primeira vez a avó lhe destinara, sentiu-se pessoa importante, e com a vista percorreu todos os recantos, a cama antiga D. João V, a cómoda bojuda, o lavatório toilette, o canapé de palhinha na parede do fundo com os cadeirões ao lado, em frente a janela de guilhotina, enfeitada a *cretone*, com os seus bancos de pedra com almofadas do mesmo tecido.

Dirigiu-se à janela e sentou-se num dos bancos. A noite estava de luar e ela via toda a paisagem. Em frente, o mar que parecia de prata, e, ali ao fim do caminho, a capelinha da casa, mais abaixo o cruzeiro tão elegante, para o outro lado os grandes pinheiros mansos. O silêncio era apenas interrompido pelo barulho cantante das duas bicas da fonte, a que respondia como um eco o grande tanque do monte que devia, como o costume, estar rodeado de hortenses.

Guida sentiu mais uma vez o encanto da paìsagem e elevou para Deus a sua alma num agradecimento de tudo o que lhe dava, como sua mãe sempre lhe ensinara a fazer.

E começou a pensar que ela era um elo da cadeia da família. Ali tinham vivido as tias da avó, três elegantes senhoras: no sótão lá estão os baús com os seus lindos vestidos e as mil futilidades da sua época: depois a avó, nascera ali; o tio Jacinto sempre ali vivera; sua mãe tinha nascido ali e batisara-se na capela. A avó, depois de viúva, vivia sempre com o tio Jacinto, e Guida pensou que também ela estava feita uma senhora e que um dia talvez casasse, e, mais tarde, os seus filhos viriam para a quinta e sentir-se iam felizes como ela estava.

Casar? Com quem seria? De repente na sua imaginação passou uma tarde de "tennis" no Estoril, uma farda de aspirante... Ficou surpreendida com a ideia, mas como a noite refrescara, fechou a janela e disse alto:

"O luar faz-me tola, já estou como a Alda a pensar em "flirts" e a mãe diz sempre que ainda sou uma criança e tem razão".

Depois de rezar deitou-se e dormiu como criança que ainda é, até ao dia seguinte.

Maria d'Eça

DOIS DIAS NA ARRÁBIDA

Fotos: M. C. Oliveira Soares — Filiada da M. P. F.

Nos rochedos do Portinho da Arrábida

De Setúbal para a Arrábida. À hora da merenda

As Graduadas da Delegacia da Estremadura, acompanhadas pela Ex.ma Directora da Escola de Graduadas, D. Alice Guardiola e a Adjunta D. Virgínia Paraíso, foram passar à Arrábida os dias 22 e 23 de Maio.

Dois dias de encanto, difíceis de contar...

Quem poderá traduzir em palavras a alegria que transborda de corações moços? Ou descrever paisagens maravilhosas como as da Arrábida?

A viagem, apesar de não ser longa, foi variada: de Lisboa até ao Barreiro, num barco da carreira; do Barreiro a Setúbal, de combóio; e finalmente, de Setúbal ao Portinho da Arrábida, num gasolina gentilmente posto à disposição da M. P. F. pela Capitania do Porto de Setúbal.

Esta última parte da viagem foi a que mais entusiasmou as raparigas. O prosaico gasolina, com a bandeira nacional içada à proa e a bandeira da M. P. F. à ré, transformou-se numa galera encantada, vogando em pleno azul de sonho...

«... Lá vamos, rio abaixo, salpicadas de vez em quando pela espuma branca das ondas e numa alegria infinita.» — lemos na narrativa duma graduada.

Uma *alegria infinita*... Não é verdade que dá gôsto sentir as nossas raparigas a gozarem assim plenamente a alegria de viver?

E nos dois dias passados no acampamento da Arrábida a alegria nunca esmoreceu...

Mas houve momentos em que essa alegria se espiritualizou em quadros de beleza que jàmais poderão esquecer.

Foi a primeira vez que num acampamento da M. P. F. se acendeu uma fogueira à noite.

Dirigentes e Graduadas, de mãos dadas, fazem roda em volta da fogueira, cantando a «Mocidade Lusitana». E a fogueira, ao centro, parece um grande coração — o coração da Mocidade! — a arder de amor.

Depois de cantado o hino, a Directora da Escola de Graduadas propõe que cada uma das raparigas vá lançar na fogueira um pouco de lenha e acompanhe êsse gesto dum pensamento.

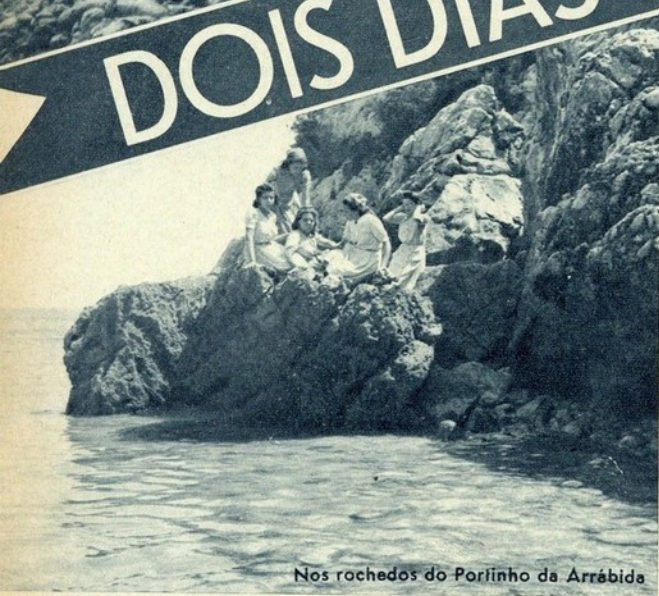
E a fogueira cresce, aumentada pela lenha e engrandecida pela própria alma das raparigas, que cai no fogo em palavras de ideal que sobem mais alto ainda do que as labaredas da fogueira!

Os «pensamentos» são recolhidos para serem julgados e premiados. Ganhou o 1.º prémio a 5.ª «quina»: *Chama de ideal — Amor ao dever — Chama sagrada — Amor à Mocidade — Chama do meu Portugal — Espírito de sacrifício* — e ainda esta quadra

Que a chama desta fogueira
Viva em nosso coração
Qual chama de fé ardente
Traduzindo uma oração

Em seguida, cada «quina» apresentou os seus «números» para a festa da noite, realizada ali, ao clarão da fogueira.

Canções... versos... E a terminar, a Directora da Escola de Graduadas falou às raparigas.

A' meia noite apaga-se a fogueira, mas qualquer coisa fica ainda a arder... Qualquer coisa que êstes «pensamentos»

No mar muito sereno, a delícia dum passeio de barco

Regresso. O barco pesa mais, carregado de saüdades...

Aspectos do acampamento

inspirados na fogueira simbolizam: *Labareda nas almas... Fogo sem cinzas nos corações... Chama da Pátria... Fogo de ideal... Querer, crer... Servir... Cumprir... Lutar e cantar... Vencer...*

Mas nesta noite as raparigas não teem pressa de se deitar e, chegadas a casa, no terraço em frente do oceano, querem ainda rezar o terço, por Portugal. E o mar acompanha-as, rezando com elas: Avé Maria, cheia de graça...

A's 7 h. é a alvorada. Vestido à pressa o fato de banho, faz-se ginástica ao ar livre. Depois arranjam-se. Tomam o pequeno almôço, E chega a hora da missa, que foi celebrada na gruta de S.ta Margarida. «Uma missa como nunca assisti a outra igual na minha vida», diz-nos uma graduada com os olhos iluminados de graça. O mar, órgão de mil vozes, serve de acompanhamento aos cânticos das filiadas da Mocidade...

Depois da missa, volta-se ao acampamento para tratar do almôço, que fica preparado para o regresso da praia, para onde se parte apressadamente.

Chegam neste momento a Ex.ma Comissária Nacional e outras Dirigentes, que acompanham o grupo alegre para a praia. Aí, umas tomam banho, nadam, outras brincam na areia ou passeiam de barco.

E' tempo de regressar ao acampamento para almoçar, mas apesar do «apetite» já ser grande, a praia é deixada a custo. Estava-se ali tão bem!

No acampamento, as árvores frondosas da Arrábida oferecem a sua sombra amiga; sentadas pelo chão, Dirigentes e Graduadas fazem honra ao almôço.

Posto tudo em ordem, volta-se para a praia.

Que pena êste dia ter de acabar! Mas é preciso partir... Despem-se os vestidos leves e garridos e envergam-se as fardas. O gasolina espera no «Portinho». E a viagem de maravilha repete-se em sentido contrário; mas agora já a alegria não é «infinita», ensombra-a a saüdade...

Durante a travessia, a caminho de Setúbal, a Ex.ma Delegada Regional da Estremadura faz a distribuïção dos prémios — broches de artística filigrana — ganhos no acampamento pelas «quinas» que apresentaram melhores números para a festa da noite, que, em conjunto, disseram os mais belos «pensamentos» e que realizaram os serviços de acampamento com maior ordem, etc.

UM PROBLEMA

Casa do bairro operário de Portimão

NOS países em guerra, onde as destruïções teem sido tão grandes, debate-se grave problema, que tem de ser solucionado antes do fim do conflito. A questão é esta: as casas a reconstruir serão familiares ou colectivas? Devem ser independentes (para cada família) com a cozinha, quartos e jardinzinho? Ou, pelo contrário, veremos edificar grandes "blocos" de cimento armado, colossais prédios para inúmeras famílias? Nesses edifícios os inquilinos dos andares comprimidos em acanhado espaço terão contudo direito à grande sala de jantar comum, espécie de refeitório, onde as refeições a horas certas serão servidas iguais para todos, e outras regalias comunais. Muito antes da guerra foram feitas numerosas experiências em casas económicas. Mas com milhares de famílias privadas de lar pela guerra, não se trata já de experiências mas sim de alojar condignamente uma bôa parte dessas populações tão duramente atingidas.

Existem planos de bairros enormes, feitos dêsses "blocos" de andares, com um jardim ao centro, refeitório, "Casa de Recreio", cinema, Igreja e Escola. Existem também planos de bairros com casas e andares completamente individuais, mas possìvelmente mais caros e trabalhosos de planear e erguer. São por isso mais raros. No entanto, como esta terrível guerra não finda e que as cidades continuam a ser bombardeadas, tôdas as famílias que podem vivem hoje no campo e vão-se acostumando à posse da casa e até de jardim. As modestíssimas habitações dos campónios vão-se tornando agradáveis e até bonitas nas mãos mais experimentadas de citadinos. As moradias mais humildes são hoje mais apreciadas do que grandes palácios... o serviço é mais fácil de fazer e não se veem tanto do ar...

Quando os membros das numerosas famílias agora dispersos se reunirem de novo e regressarem aos seus trabalhos normais, se não tiverem um verdadeiro "lar", onde possam além de dormir, comer e estar à vontade com as pessoas que lhes agradam, não é natural que consigam sequer ficar juntos.

Conhecedores de maior liberdade e mais confôrto, apesar de tudo, não serão uns quartos onde nem sequer podem tomar as suas refeições, que as prenderão no círculo familiar. Como é sabido, as famílias imprimem carácter aos indivíduos e êstes à Nação. Que nações viriam a ser estas compostas e governadas por homens saídos dessas famílias, portanto quási sem carácter? Tremo de pensar... No entanto se as mulheres dêsses países não começarem a dizer o que querem, se não gritarem bem alto como desejam as suas casas, êsses engenheiros, talvez inteligentes e sabedores mas sem "verdadeiro" conhecimento das necessidades duma família, preparam-se tranqüilamente para destruir os seus lares. Sim, preparam-se para não dar lugar para arrecadações, nem armários nem (se lhes derem cosinhas!) espaço bastante para se moverem nelas, nem quartos onde caibam móveis de tamanho razoável... Tôdas as recordações de pais e avós terão de se deitar fora nas mudanças e com elas, quantas vezes, as suas memórias e conselhos! Não se pode aumentar a família nem convidar um amigo. Dir-se-há que o amigo pode ser convidado a comer na sala comunal... mas que obséquio é êsse? Não se lhe poderá dar o prato que prefere, nem pôr na mesa as flores de que gosta, nem prestar qualquer atenção desta que o coração dita e que são possíveis mesmo nos mais modestos lares. Mas sobretudo desaparece o espírito de família na confusão colectiva. Esperemos que as mulheres façam compreender aos "senhores dos planos" quanto os seus gostos são individuais e como necessitam de crear um lar e não uma "cela de abelha numa colmeia".

O nosso govêrno compreendeu esta necessidade individualista das famílias bem constituídas. Os novos bairros económicos são todos de casas independentes, com os seus jardinzinhos. Mas no resto da construção civil a tendência não é essa. Oscila entre o luxo espaventoso e os quartos talhados para os anões da Branca de Neve... e mesmo assim com rendas inacessíveis à maioria das famílias portuguesas! Qual foi o construtor da nossa terra que se lembrou de nos preguntar como desejaríamos a nossa casa? E foi pena...

Nós saberíamos muito bem dizer-lhe como seria o nosso "lar". Não creio que saíssem mais dispendiosas as casas dos nossos sonhos, e seriam certamente mais agradáveis... e práticas. — Enfim, o nosso problema ainda não é tão grave como o do resto da Europa. Está nas mãos das mulheres o futuro das famílias do nosso continente. Do seu protesto e da sua vontade *expressa* depende o futuro dos lares europeus. Devemos desejar-lhes boa sorte nos seus desejos e... continuarmos nós a pensar como é bom, útil e agradável ter uma casa, ou andar, mesmo minúsculo, mas que seja só *nosso!*

Francisca de Assis

Barra em ponto de Assis, em tons de azul, sendo o desenho circundado a preto

CONCURSO DE FÉRIAS

A CASA RÚSTICA

Se vivesses no campo como gostarias que fôsse a tua casa?

Descrever uma casa simples no campo ou à beira-mar e enviar essas descrição e dois desenhos, um do exterior (fachada ou pormenor interessante) e a planta interior à Direcção do Boletim, Praça Marquês de Pombal, n.º 8.

Para exemplificar damos dois esquemas feitos num serão familiar por uma rapariga de 18 anos e um rapaz de 17.

Os trabalhos que nos forem enviados serão apreciados por pessoas competentes e os melhores publicados nesta secção.

Os três mais classificados serão premiados com interessantíssimos livros sôbre arquitectura e arte.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

A mulher, porém, tocou-lhe ao de leve no braço e aconselhou:

— Deixe-o falar, senhora, que êle se não fala arrebenta!

Helena não conseguiu suster o riso, a pesar do olhar severo da mãe; e o senhor Santos, nada melindrado, continuou:

— A menina ri-se? Pois é assim mesmo que eu gosto. Tristezas não pagam dívidas, não é assim? E vamos ao que importa. Olhe, minha senhora, eu sou um bom homem e a minha senhora é ouro de lei, coitada; dali não vem mal ao mundo.

— Deixa lá isso, Santos, não te ponhas com coisas...

— Ouro de lei, é o que eu lhe digo. E eu que estou farto de trabalhar (não, que o meu negócio na Baía, deu-me água pela barba) resolvi viver no campo e fazer por cá algum bem à pobreza.

— Que bom! — exclamou Helena.

— A menina é cá das minhas. Mas isto de fazer bem não há-de ser com lamúrias nem maçadas; tudo com risos, tudo com as suas festinhas à mistura, tudo à boa mente!

— O Santos todo êle é coração — observou a mulher.

— V. Ex.as hão-de encontrar muitas ocasiões de exercer a caridade — disse D. Maria da Luz — As minhas pequenas interessam-se muito pelas obras sociais da região...

— O Santos nem por isso é muito «regioso» mas não é dos que embirram com os padres — tornou D. América.

Helena saiu precipitadamente da sala, fungando com riso.

E Francisca preguntou:

— As suas filhas que idade têm?

O senhor Santos, com um sorriso embevecido, respondeu:

— Lisette e Susette é que elas se chamam. E têm 16 e 17 anos as nossas meninas. Já sabem arranjar-se, pintar os beiços e não envergonham ninguém...

— Têm a idade das minhas — tornou D. Maria da Luz.

— E temos um filho de 25 anos na Guiné — disse a senhora.

— Quando a senhora fôr à Tôrre pagar a nossa visita — continuou o senhor Santos — o melhor é combinar o dia para as meninas se conhecerem, não é assim?

D. Maria da Luz murmurou:

— Eu saio pouco, desde a morte de meu marido, mas...

— Eu mando até o carro buscá-las se é pela dificuldade da condução.

— Não sei se será possível — tornou D. Maria da Luz.

Mas Helena que voltara e ouviu a proposta do banqueiro, exclamou:

— Oh Mãe, talvez calhasse bem irmos lá no Domingo com o João e o Alberto; é um passeio lindo!

O senhor Santos não deu tempo a que D. Maria da Luz, pouco contente, respondesse; e, levantando-se, declarou:

— Fica assim combinadinho, sim? No Domingo aí pelas 3 horas, cá está o meu «Crysler» à porta para levar as senhoras e os meninos à Tôrre.

E com o ar satisfeito de quem tinha tido um verdadeiro sucesso, o gordo casal saiu, acompanhado até ao carro pelas duas raparigas.

V

Rapazes

Os quatro rapazes de Leiria, inscritos na «Mocidade Portuguesa» tinham partido para Lisboa, a juntar-se ao irmão, legionário, para tomarem parte todos na parada de 28 de Maio. E, com um sol radioso, amanheceu êsse dia feliz. Desfilava a Legião portuguesa pelas ruas e praças de Lisboa.

O barulho ensurdecedor dos aviões, formados em grupos de quinze, guardando as distâncias duma maneira admirável, dominava a cidade, em festa para a grande parada.

E, cada vez que se aproximava, no azul puríssimo do céu, a esquadrilha disciplinada, corria um frémito de entusiasmo entre a multidão apinhada na borda dos passeios, nos degraus dos edifícios, nas praças, nas ruas. Que ordem, porém, nesta aglomeração de gente! Os polícias, com suas fardas azues, luvas brancas, capacetes escuros, limitavam-se a manter o povo nos seus lugares com bonhomia simpática; e, de vez em quando, na ânsia de mudar de lugar, lá ia uma onda de gente dum lado da rua para o outro à espera do desfile.

Quando, ao som dos clarins e das múltiplas bandas, surgiram os batalhões bem formados, marchando de maneira irrepreensível, foi um delírio!

Viam-se rapazes altos, espadaúdos, fortes; e, homens de 60 anos, rugas e cans e cabeças calvas ou grandes barbas embranquecidas. Ao ver desfilar êsses veteranos ao lado dos rapazes novos, não se sabia, na verdade, quais eram mais impressionantes!

Quando os cinco irmãos se reüniram, na manhã seguinte, no pequeno quarto de Pedro, nem sentiam já o cansaço da véspera, e recordavam com entusiasmo aquela tarde memorável.

— Você, com o estandarte, ia flamante, Pedro! — exclamou Hugo.

— Tenho tanto orgulho na «Legião»! — disse Joaquim.

— Que pena ter de se partir esta tarde — lamentou Manuel.

— Era justo que nos deixassem ir à noite ao cinema — observou Mário.

E, Manuel, concluiu:

— Era bestial... mas não se lembraram disso...

Pedro interveio:

— Olhem, como temos de esperar ainda uma boa meia hora até ao almôço, vamos conversar. Que fazem vocês lá por Leiria? Conta lá Hugo...

— A Tia Angélica é uma santa; e como nos deixa fazer tudo o que queremos a nossa responsabilidade é horrorosa!

— Temos de ter o dôbro do juízo — disse Joaquim — e nem sempre apetece ter juízo, não acham?

— Noutro dia instalámo-nos a fumar, os dois...

— O quê?! — gritou Pedro, indignado.

— Então, não se morre por fazer asneiras de vez em quando — interrompeu Mário.

— O menino cale o bico — cortou Pedro.

Hugo continuou:

— Pois estávamos repimpados a deitar fumaças quando a pobre Tia Angélica bateu à porta...

— Não deve ter ficado contente — disse Pedro.

— Isso sim! — respondeu Joaquim — Nós deitámos fora os cigarros e a cinza; e quando ela entrou disse, ingènuamente, franzindo o nariz «parece que há aqui um pouco de fumo; será do jardim.» E nós... moita, já se vê.

— Com os tios Mexias não há liberdade; nenhuma; ali tudo é às horas. Mas como o Gonçalo anda connosco no liceu, arranjam-se umas pândegas bem boas — disse Manuel.

— E mandam-nos sempre ao cinema quando há fitas que se podem vêr e é feriado no dia seguinte. A Eugénia é que nos arranja isso, coitada; uma pequena como não há outra...

Mário simulou um forte ataque de tosse.

— Ah, sim? — disse Pedro rindo.

Mas Manuel tornou, zangado e côrado

— Detesto piadas!

— E tens razão, Mané — disse Pedro, a sério.

— Ó Pedro, conta lá da tua vida em Lisboa — pediu Joaquim.

Pedro teve um sorriso um pouco triste.

— Se querem que lhes diga, não ando muito contente. Na escola vai tudo menos mal, devo ter um «accessit» como tive nos dois primeiros anos.

— Então? — interrogou Hugo, com interêsse.

— Aos sábados vou ao cinema, às revistas e a casa dos Mellos, que recebem nessas noites; mas como não gosto do «Mah-jong» maço-me um bocado.

— Então a linda Gabriela já lá não vai?...

Pedro, còrou um pouco e respondeu, aborrecido:

— Está menos bonita do que o ano passado... A cabeleira tôda tufada, as unhas muito escarlates e anda com a mania da dança a tal ponto que já quási só isso a interessa!

— Mas você dança lindamente! — exclamou Mário.

— Pois quando se dança, lá nos arranjamos — retorquiu Pedro a rir. — Mas o pior é quando se não dança. Olhem, querem saber o que se passa? E' certo, certíssimo, que eu gosto da Gabriela a sério, e o meu sonho é casar com ela!

Pedro, cismando, calou-se.

— Porque é que você não há-de casar com ela um dia? — preguntou Hugo.

— A verdade é que ainda não a conheço bem... Há coisas naquela rapariga — continuou Pedro — que me desnorteiam de todo. Fuma imenso, o que eu detesto; mas se fôsse só isso... Assim, depois de dançar comigo uma noite inteira, vai sentar-se no terraço com o José de Sousa e nunca mais faz caso de mim! E' natural? não é.

— E' uma pateta — concluiu Joaquim.

— Tu não disseste que ela foi educada em Inglaterra? — preguntou Manuel — é por isso que é diferente das outras...

— Tem a mania de se tornar diferente, o que não é o mesmo...

— E você dá o cavaquinho por ela, isso é que é certo — disse Mário.

— Pareceu-me vê-la ontem quando estacionámos numa das Avenidas Novas, ao volante de um «Fiat» e vestida de encarnado. — disse Hugo.

— Então não é só a dança que a interessa — tornou Mário — é o sport, é a modernice tôda junta. Afinal de que te queixas, Pedro? E' uma mulher bonita, alegre, sã como um pêro, e moderna desde os pés até à raiz dos cabelos!

— Excêntrica, mais que moderna — disse Joaquim.

— Mas é que o Pedro não é género mulher moderna ou excêntrica; antes quer a «gata borralheira», tôda meiguinha, que cose meias, passeia com a mamã — observou Hugo.

Pedro riu e respondeu:

— A's vezes parece-me que não poderei ser feliz se não casar com ela; mas outras vezes...

— Também ainda tens tempo, mais que tempo, para pensar; e vais vendo que tal ela é — observou Hugo — Olhem, eu tenho um namorico lá em Leiria! E é quási uma paixão!...

— Oh... — gritaram os outros, admirados.

— Já a formiga tem catarro — troçou Mário.

— Se eu sou formiga, você é pulga — resmungou Hugo — Mas olhem que nada disto se diz lá para casa, vejam lá!... Escusam as manas de se ocupar dos nossos amores! — acrescentou, com importância — E' uma menina do liceu, muito seriasinha e anda no 6.º ano.

— Tive uma boa carta da Francisca — disse Pedro — e fala do novo conhecimento que agora apareceu na aldeia: os donos da Casa da Tôrre! A Mãe é que não está nada entusiasmada...

— Ainda bem que vão para lá pessoas divertidas — exclamou Manuel.

— A Lena escreveu ao Joaquim a falar dessa gente — disse Hugo — e parece que vão ter lá uma festa de arromba!

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Estou farta de ouvir falar do tal comunismo — declarou Alice, com ar enjoado.

— E o papão de tôda a gente, isso é — confirmou Maria José — e, realmente...

— Ora adeus — disse Joana — se chegar a vir, um dia, cá o esperamos: não há-de ser tão mau como se diz.

— Oh Joana! — exclamou Clara — Falas do que não sabes, simplesmente! — Joana respondeu:

— Não sei, não: nem tu, nem ninguém, afinal.

— Não é tanto assim — tornou Clara, a sério — Sabe-se bem o que foi o horror da guerra civil em Espanha. Sabe-se que a religião cristã é perseguida pelos comunistas; sabe-se que desejam a igualdade das classes o que é, segundo me têm dito pessoas ilustradas, uma coisa tão absurda como impossível! Então um idiota há-de trabalhar e ganhar como um intelectual? Então um ignorante pode estar à altura dum sábio?

— Já se vê que não, Clara.

— Mas — continuou Clara — oiçam bem o que lhes vou dizer, meninas: pois foi-me explicado por uma pessoa que sabe o que diz. E' muito possível, e mesmo provável, que, acabada a guerra, haja grandes mudanças na vida de todos!

— Para melhor ou para peor, Clarinha? — preguntou Bertha.

Clara ficou scismática um momento. Depois respondeu:

— Eu tenho horror ao tal comunismo, confesso; e tenho a impressão que nunca trará consigo a felicidade, o sossêgo, a paz... Mas que é essencial mudar algumas coisas que estão mal organizadas, nisso acredito eu. Garantir a TODOS o *pão nosso de cada dia*...

— O abafo no inverno — lembrou Maria José.

— Um cantinho bom para morar — disse Bertha.

— A educação às creanças — acudiu Alice.

— E umas pandegasinhas ao Domingo — disse Joana.

— E afinal tudo isso se poderá fazer, talvez, sem revoluções, nem guerras, nem comícios — tornou Clara — E querem saber uma idéia minha, meninas?

— As tuas idéias são sempre esplêndidas! — disse Bertha.

— É que a maneira prática de combater o tal *papão comunista* está, em parte, na nossa mão: tratemos de fazer tudo o que pudermos para nos tornarmos úteis a quem tem menos do que nós; e de nos habituar, a pouco e pouco, a prescindir de luxos inúteis, de toleimas, de pieguices...

— Almocinho na cama; campainhadas às creadas por *«dá cá aquela palha»*; bolos de nata a atulhar o estômago; horas perdidas a pintarucar a cara... — e Joana, que enterrava ela própria tôdas as carapuças que ia enumerando em ar de troça, acabou com uma alegre gargalhada.

— E é mesmo assim... — comentou Maria José, a sério.

Cartas às Raparigas

Estão à porta as férias, queridas raparigas: que alegria mágica tem em si esta pequena palavra! Parece que ao pronunciá-la sentimos a briza do mar... O perfume dos campos... O prazer imenso de não ter as obrigações do costume... Temos outras, porém: é preciso não o esquecer! E é dessas obrigações de férias que hoje vos venho falar.

Infelizmente, é durante o tempo delicioso que muitas raparigas adquirem hábitos detestáveis: preguiça (confundindo o repouso diário com ela) ociosidade prolongada, falta absoluta de leituras úteis, uso (e abuso) de fatos de banho impróprios, etc., etc.

Queridas amiguinhas, escutai-me bem: lembrai-vos sempre, a todo o momento, que deveis portar-vos de maneira a poder servir de exemplo! Para bom aproveitamento das vossas férias lembro-lhes quanto é interessante a aproximação das creanças pobres: procurar comunicar com elas, ensiná-las, contar-lhes histórias, incutir nelas qualquer coisa de melhor do que aquilo a que estão habituadas... e que é geralmente péssimo.

Não só ensiná-las a rezar: a limpeza do corpo, o arranjo do fato, mesmo velho e remendado, o alisar do cabelo, etc., etc. Que prazer maior podereis ter se, ao deixar a terra onde passastes as vossas alegres férias, vos disserem que as creanças mais selvagens da região nem já parecem as mesmas?! Assim, a boa semente que a vossa actividade inteligente soube lançar naquelas alminhas rudes, frutificou lindamente: e será, posso afirmar-vos, a maior alegria que trareis quando voltardes para casa.

Não quero massar-vos com um sermão! E acabo já esta carta amiga com mais estes conselhos: procedam sempre de modo a poderem ser citadas como exemplo; nos actos, no vestir, nas palavras, no porte.

Lembrai-vos que sois: **cristãs — portuguesas filiadas da M. P. F.**

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

CONHEÇA A SUA TERRA

PRAIA DA ROCHA

Quem do norte ou do centro de Portugal desce até às paragens algarvias não pode esquivar-se ao enfeitiçamento da luz e da côr dos seus campos e praias.

A Praia da Rocha é, naturalmente, o maior atractivo que nós algarvios apresentamos à curiosidade de quem nos visita.

A Natureza, sempre pródiga em admiráveis conjuntos, oferece à contemplação extática dos nossos olhos uma diversidade de paisagem que muito se evidencia na Praia e seus arredores.

A pouca distância, Sagres, onde o marulhar das ondas parece recordar as glórias antigas, êsse passado homérico de façanhas que desvendou ao mundo novos mundos. Caldas de Monchique, recanto singelo e poético, oferece incontestàvelmente um quadro de flagrante bucolismo. Para contemplar o encanto, as amendoeiras emprestam à Natureza seu cândido manto de noivado para tornar mais lindo, ainda, o nosso lindo Portugal. Finalmente a Rocha...

Decerto que quem já contemplou o cenário maravilhoso da falésia ouro-rubra, em recortes caprichosos, os penedos, as grutas, os seixos espalhados e hàbilmente dispostos (dir-se-ia com intenção de fazer arte) não pode deixar de reconhecer que esta Praia de areia finíssima reúne em si tudo quanto pode torná-la bela.

...Mal o Sol, preguiçosamente, sobe no horizonte, logo vem beijar a areia com um desejo ardente de a tornar mais brilhante e mais linda!...

Tôda a Praia parece um montão de oiro puro, como se, em épocas ignoradas, um sultão zeloso dos seus tesoiros ali os tivesse ocultado. E o mar, o grande mar, ora manso ora alteroso estende sôbre esta pequenina parcela do nosso país seu manto dum azul pálido cravejado de diamantes. As ondas, desfazendo-se junto à Praia, adornam com sua renda branca de neve o manto doirado da areia. Possue um céu azul inconfundível que amorosamente se contempla nos dias de côr brilhante ou nas noites em que o luar se digna cobrir as terras com seu interminável manto de prata.

Todavia o clima dôce que a caracteriza seria suficiente para a tornar atraente e querida de todos os que a procuram para extasiar a vista, recrear o espírito ou retemperar o organismo. Por tôda a parte a luz e a graça!... A Natureza apresenta-se com tôda a sua pujança desenvôlta e gigantesca, dominadora e fecunda.

Como eu gostava que todos os portugueses viessem admirar e viver estas maravilhas que os meus olhos contemplam!... Vinde, vinde ver a beleza da nossa Praia!... E' a maior maravilha de côr que pode imaginar-se, é o mais belo poema de azul que a fantasia pode criar e transmitir às almas que admiram a obra de Deus no seu esplendor. E o poeta que assim o sente diz inspirado:

«Por alta noite se escutam
Gargalhadas de cristal.
Dizem ser risos de Fadas
Que brincam pelo areal
Da nossa Praia, a mais bela
«Das costas de Portugal!...

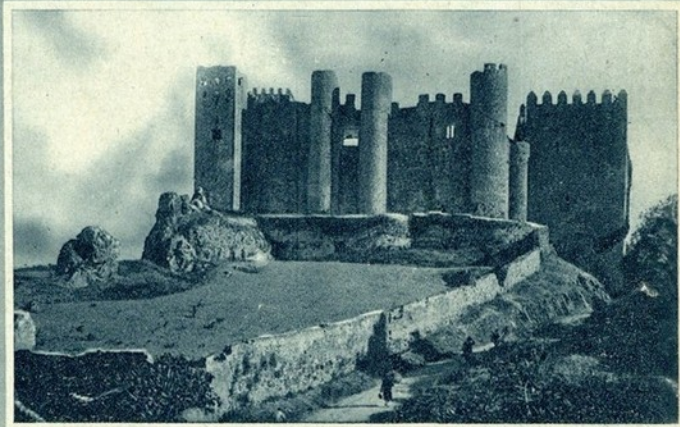
"Aidil" — Filiada n.º 37.002
Centro n.º 1 — Faro

A Moura

Terra de amor e beleza
Dos lindos contos de fadas,
És terra bem portuguesa
E de Mouras encantadas.

E foi um acto tão belo,
Que Salùquia praticou,
Que p'ra salvar o Castelo
A vida sacrificou!

A linda e nobre princesa,
Que por Moura deu a vida,
Pensava, já, com certeza
Que havia de ser vencida.

E tu, oh Moura encantada
Na tua vida real,
Mereces ser adorada
Dos filhos de Portugal!

E os filhos teus, com certeza
E' bem natural que os ames,
Pois és cristã, Portuguesa
Embora Moura te chames!

Lídia Costa Neves Valtera — Filiada n.º 1843
Ala n.º 6 — Baixo Alentejo

Padrões de Portugal

Aljubarrota, Valverde
Montes Claros, S. Mamede...
E' um hino de heroismos
que no passado se perde

Velhas tôrres medievais
que s'erguem na nossa Terra!
E' a alma da nossa História
que os nossos muros encerra

Muralhas dêsses castelos
que evocam feitos de glória
são padrões de Portugal
são padrões de nossa História

Oh, pedras negras, vèlhinhas
que ainda se erguem no ar...
a quem vos saiba entender
muito tendes p'ra contar!...

Contam feitos nunca vistos
contam feitos sem igual
não há história mais heróica
que a do nosso Portugal.

Lindos castelos roqueiros
nascidos nas penedias
as vozes dos teus heróis
chegam inda aos nossos dias

D'altos castelos roqueiros
tão belos, não há memória
ensinando ao mundo inteiro
o seu passado de glória!

LIZARDA